

Viagens, identidade e memória em Agustina Bessa-Luís e Maria Ondina Braga

Travels, identity and memory in Agustina Bessa-Luís and Maria
Ondina Braga

José Cândido de Oliveira Martins
Universidade Católica Portuguesa – CEFH*
cmartins@ucp.pt

Data de receção: 11-10-2022

Data de aceitação: 6-11-2022

Resumo

As escritoras Agustina Bessa-Luís e Maria Ondina Braga apresentam algumas afinidades, no momento do Centenário do seu nascimento: origem geográfica, início da sua vida de escrita, genealogia literária, gosto pela crónica, troca de correspondência, entre outras aproximações. Há um tema que aproxima claramente as duas escritoras, embora com peculiaridades – o fascínio pela viagem, experienciada biograficamente e trabalhada literariamente. Partindo da análise de textos breves destas autoras, inferem-se alguns motivos justificadores da sua atração pela temática da viagem de comboio: a atração pela viagem como forma de diálogo com o desconhecido e com o Outro, como modo de ler o mundo e o ser humano.

Palavras-chave: Agustina Bessa-Luís – Maria Ondina Braga – afinidades electivas – viagem de comboio – identidade cultural

Abstract

At the centenary of their birth, we examine the affinities between the Portuguese writers Agustina Bessa-Luís and Maria Ondina Braga: geographical origin, the beginning of their writing life, literary genealogy, taste for chronicles, exchange of correspondence, and other similarities. There is a theme that clearly brings the two writers together, albeit with peculiarities – the fascination with travel, experienced

* Estudo desenvolvido no âmbito do Projeto Estratégico do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (CEFH) UIDB/00683/2020, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

biographically and worked on literarily. From the analysis of short texts by these authors, we can infer some justifying reasons for their attraction to the theme of train travel: the attraction for travel as a form of dialogue with the unknown and with the Other, as a way of reading the world and humanity.

Key-words: Agustina Bessa-Luís – Maria Ondina Braga – elective affinities – train travel – cultural identity

1. Centenário de duas escritoras com afinidades electivas

Dizia eu que não se viaja senão para negociar, ou a pretexto disso. As pessoas têm medo de serem inúteis; de tomar um caminho sem destino, sem a corrupção dos interesses contratuais (Bessa-Luís 2008: 303).

As escritoras Agustina Bessa-Luís (Vila Meã, Amarante, 1922-2019) e Maria Ondina Braga (Braga, 1922-2003) nasceram no mesmo ano, no Norte de Portugal, celebrando neste ano de 2022 o Centenário do seu nascimento. Entre outras particularidades que as aproximam, merece realce a obra literária preferencialmente voltada para a narrativa (do romance à narrativa breve), embora ambas as escritoras também tenham cultivado outros géneros, como a forma breve da crónica.

Curiosamente, ambas se estrearam literariamente pela mesma altura, Agustina com a novela *Mundo Fechado* (1948); e Ondina com o livro de poesia *O Meu Sentir* (1949). Ao mesmo tempo, cada uma a seu modo, as duas escritoras confessam reiteradamente a sua admiração por alguns escritores, com destaque para Camilo Castelo Branco. Camilo representa para ambas um autor canónico da Literatura Portuguesa; e a sua leitura projecta-se depois em textos literários (da narrativa à crónica) das duas escritoras, com uma diferença assinalável a admiração da autora de *Fanny Owen* e mesmo de ensaios camilianos, como os recolhidos em *Camilo, Génio e Figura* (Bessa-Luís 1994), não impede um olhar crítico e desmitificador de Agustina sobre a figura humana de Camilo (Martins 2015). Por sua vez, a escritora de *Passagem do Cabo* reitera em vários dos seus escritos (também da narrativa à crónica) o prazer da leitura camiliana desde os tempos da juventude, sobretudo de um Camilo passional e satírico, mantendo com o escritor nortenho um assíduo diálogo intertextual – como anota, aliás, metaliterariamente, a autora de *Estátua de Sal*, acerca de certo imaginário camiliano que povoa muitas das histórias do escritor de S.

Miguel de Seide: “Ressuscitavam os romances de Camilo — amores infelizes, casamentos de conveniência, paixões assolapadas, e traições, bruxas, tiros.” (Braga 2022: 137). Também numa crónica de *A Filha do Juramento* (Braga 1995), Ondina Braga evoca a figura de Camilo.

Salvaguardando diferenças consideráveis ao nível da poética narrativa, das temáticas dominantes e da mundividência geral, as duas escritoras aproximam-se em vários aspectos no que diz respeito à valorização da mulher e da condição feminina, embora sem enfileirarem em movimentos feministas muito em voga no seu tempo. Quer na narrativa, quer na escrita cronística, ambas demonstraram uma compreensível sensibilidade sobre temas respeitantes à condição da mulher na sociedade do seu tempo (Bessa-Luís 2015: 41 ss.).

Aliás, na atenção crítica ao quotidiano, outra forma particular de afinidade entre as duas escritoras nortenhas reside no assíduo cultivo da crónica, explorando ambas as consideráveis potencialidades deste género. Quer a autora dos textos recolhidos em *Contemplação Carinhosa da Angústia* ou de *Crónica da Manhã*, quer a escritora de *Eu Vim para Ver a Terra (Crónicas)*, demonstram assim a atração por este tipo específico de texto breve e impressionante da crónica, congenialmente híbrido, já que tradicionalmente permeável à efabulação narrativa ou a reflexão crítico-judicativa, sem secundarizar a projecção auto-ficcional, enfim como género vocacionado para ler o mundo quotidiano – “nada negligenciou do que ampliava a sua percepção do mundo” (Bessa-Luís 2015: 10). Similar postura caracterizou a mundividência de Maria Ondina Braga, que via na escrita cronística uma funcionalidade ampla e, sobretudo, um modo peculiar de ler o mundo e de ver-se a si própria, num continuado esforço de autognose.

Uma das demonstrações mais eloquentes das afinidades e mútua admiração entre as duas escritoras podemos encontrá-la na breve e afectuosa correspondência entre Agustina Bessa-Luís e Maria Ondina Braga. Nesta troca epistolar, ainda inédita, de momento apenas se conhecem algumas cartas de Agustina endereçadas a Ondina. Datadas de finais dos anos de 1960, estas cartas agustinianas comprovam o interesse e o carinho com que a autora de *A Sibila* acompanhava a obra da escritora bracarense.

Entre outros aspectos, nestas interessantes cartas manuscritas, Agustina refere-se a encontros agradáveis entre as duas, mostrando-se disponível e activa em iniciativas de promoção da obra de Ondina, como no papel mediador para hipotética colaboração de Ondina ou

divulgação da sua obra no jornal *Diário Popular*, através de contacto prévio com o Dr. Francisco Balsemão. Além de apreciar a companhia de Ondina Braga, Agustina também expressa desejos bem simples e quotidianos, reveladores do convívio próximo e cúmplice entre ambas, em carta assinada pela “amiga Maria Agustina Bessa-Luís”, anotando: “Não me esquecerei do seu convite. Cozinharemos ambas o arroz chao-chao” (Carta do Porto, de Outubro de 1968)¹.

Vislumbra-se assim uma manifesta empatia entre as duas mulheres escritoras. Nesta correspondência mencionam-se contactos telefónicos entre ambas, fazendo-se mesmo referência à hospedagem da filha de Agustina em Lisboa, para o que a escritora portuense solicita informações à amiga. Ora, também sabemos que, enquanto estudante de Belas-Artes a jovem Mónica Baldaque terá vivido algum tempo com Ondina, no apartamento desta em Lisboa, onde residia desde 1965, depois da sua primeira estada em Macau (de 1961 a 1965) como professora de Inglês e de Português no Colégio Santa Rosa de Lima².

Como expectável, um dos assuntos desta correspondência é o juízo crítico expresso por Agustina após leitura de contos de Maria Ondina Braga, possivelmente de *A China Fica ao Lado*, de 1966³, como nesta passagem:

¹ Por altura desta correspondência, Agustina Bessa-Luís era uma escritora bem reconhecida pela crítica e pelo meio literário português como um caso singular e genial (José Régio), tendo publicado desde a novela *Mundo Fechado* (1948) e os romances *Os Super-Homens* (1950) e *A Sibila* (1954) até aos vários romances da série de *As Relações Humanas*, num total de mais de uma dúzia de títulos. À data destas cartas endereçadas a Ondina, a obra de Agustina tinha sido distinguida pelo Prémio Eça de Queirós (1945) e pelo Prémio Ricardo Malheiros (1966).

Ao mesmo tempo, à data destas cartas, também Maria Ondina Braga tinha publicado apenas dois livros de poesia – *O Meu Sentir* (1949) e *Almas e Rimas* (1952) –, bem como as suas primeiras obras narrativas – *Eu Vim para Ver a Terra* (1965) e *A China Fica ao Lado* (1968). Aliás, original deste livro fora distinguido com o Prémio do Concurso de Manuscritos do SNI.

² Aliás, em *Sapatos de Corda – Agustina*, Mónica Baldaque (2020: 92), a filha de Agustina Bessa-Luís, descreve impressivamente Maria Ondina neste retrato simples e expressivo: “Tímida, discreta, mal inserida no meio lisboeta”, adiantando em nota pessoal: “Minha Mãe estimava-a, e mantivemos uma correspondência por largo tempo”.

³ Curiosamente, sabemos através de declarações em entrevista dada por Maria Ondina Braga a José Jorge Letria (1981) que uma das pessoas que integrou o Prémio do Concurso de Manuscritos do SNI, a que a escritora concorreu com o original dos contos de *A China Fica ao Lado*, em 1966, foi justamente a escritora Agustina Bessa-Luís. Na ocasião, Agustina considerou estar diante de um “autor extraordinário”, acrescentando ser um “prodígio de revelação”; e noutra ocasião, olhou para a escritora Ondina Braga como um “enigma literário”.

Eu li os seus contos com entusiasmo. Produção sucinta com talento tão real parece-me coisa intrigante. Eu imagino-lhe escritos livros de memórias bem espessos, guardados, com certa hostilidade, da engrenagem da publicidade. Talvez me engane. Lisboa devora os bons espíritos com a insolência da sua inovação quotidiana. Paris um pouco mais. As capitais têm algo de deuses destruidores; comungam a festa que originam nos seus fiéis (Carta do Porto, de 26 de Junho de 1968).

Entre outros aspectos, as cartas de Agustina também fazem referência a viagens e a eventuais desencontros de ambas: “Não sei se me chegou a visitar. Andei por fora, numa longa viagem e perdi alguns agradáveis contactos de Verão” (Carta do Porto, 7 de Outubro de 1968). Pelo sugerido, estas e outras afinidades entre ambas as autoras dariam matéria mais do que suficiente para outras tantas reflexões críticas. De momento, centremo-nos numa das aproximações que ligam as duas escritoras nortenhas – o manifesto gosto pelo tema da viagem, com destaque para a viagem ferroviária.

2. Fascínio pela viagem de comboio

Se um dia soubesse contar das minhas viagens e das pessoas que nelas conheci, penso que teria um assunto de romance (Braga 2022: 155).

Entre os autores de literatura de viagens que mais escreveram sobre viagens de comboio ou sobre a experiência ferroviária, com tudo o que ela implica de deslocação interminável em diversas partes do planeta, de aventuras diante do desconhecido, de episódios memoráveis, sem esquecer certa aura romântica inscrita no nosso imaginário colectivo, sobressai o escritor Paul Theroux (2019), autor de *O Grande Bazar Ferroviário*, aqui pelos itinerários longínquos da Ásia, entre outras obras dentro da mesma temática, ostensivamente sem “concessões turísticas”. Para este e outros autores, na sua enorme diversidade pelos quatros cantos do mundo, cruzando fronteiras e culturas, com sua infindável riqueza de linhas de comboios, de passageiros e de paisagens, a geografia ferroviária contém uma magia absolutamente única, a que é muito difícil resistir: “Os comboios pareciam a escolha mais feliz. Podia-se fazer tudo num comboio; podia-se fazer a nossa vida e ir a longas distâncias. Havia pouca tensão,

por vezes havia conforto, e havia algo romântico” (Theroux 2019: 12-13)⁴.

Ora, um dos traços que sobressai na escrita de Agustina Bessa-Luís e de Maria Ondina Braga é, muito claramente, o da ligação intensa à paisagem geográfica, social, cultural e humana em que nasceram. Essa paisagem e a memória histórico-cultural que lhe está associada projecta-se de forma indelével na criação literária de cada uma das escritoras, com as singularidades que reconhecemos à escrita de cada uma – a paisagem portuense e douricense, no caso de Agustina; a paisagem bracarense e minhota, no de Ondina. Em ambas as escritoras, os relatos de viagem que seleccionamos estão alicerçados na memória do intensamente experienciado; na percepção fenomenológica da subjectividade; e na construção permanente identidade, no plano pessoal e colectivo.

Com percursos de vida bem peculiares, as duas escritoras manifestaram um assinalável fascínio pela viagem, quer enquanto experiência pessoal, quer enquanto tema literário explorado na sua escrita. Com percursos existenciais bastante diferenciados – Agustina mais presa às suas raízes portuenses e douricenses, mas com viagens pela Europa e Brasil; Ondina bem mais livre e vocacionada para a deambulação geográfica e sobretudo para o auto-exílio, da Europa ao Oriente, passando por África (Mateus & Martins 2019; Braga 2022: 10) –, as duas escritoras não escondem a sua atração pela viagem. Ao longo da sua vida, com diferenças assinaláveis, ambas empreenderam múltiplas viagens, por convite, por razões profissionais, por lazer, etc., deixando eco dessas vivências na sua escrita literária. Ou seja, viaja-se por múltiplas razões, muito para além do pensamento pragmático

⁴ O próprio Paul Theroux (2019: 25) inicia o emocionante relato de *O Grande Bazar Ferroviário* (no original inglês: *The Great Railway Bazaar*) com as ternas e longínquas memórias do comboio construídas desde os tempos de infância – vejamos o sentido incipit narrativo: “Desde criança. Quando vivia perto do caminho de ferro Boston and Main, raramente ouvia passar o comboio sem desejar ir lá dentro. Aqueles apitos cantavam fascínio: os caminhos de ferro são bazares irresistíveis, a serpentear perfeitamente equilibrados e independentes da paisagem”.

Similar fascínio está subjacente à escrita de outras narrativas sobre extensas e épicas viagens de comboio, como em *O Velho Expresso da Patagónia*, *Comboio-Fantasma para o Oriente* ou *O Último Comboio para a Zona Verde*, do mesmo Paul Theroux (2021: 14), o autor de *A Arte de Viajar* – em que dedica um capítulo ao tema de “Os prazeres dos caminhos de ferro” –, ele que deu a volta ao mundo em comboio, e que acabou por resumiu a magia das viagens por caminho de ferro desta forma tão assertiva: “(...) associo os meus dias de viagem mãos felizes a estar em comboios”.

expresso por Agustina Bessa-Luís (2008: 303), citado na primeira epígrafe⁵. Viaja-se com a plena noção da enorme riqueza dessa experiência de vida em matéria de criação literária, como na segunda epígrafe de Ondina Braga (2022: 155). No caso de Ondina, pode-se delinear mesmo uma importante poética da viagem na sua escrita autoficcional (Martins 2019).

“A viagem começa numa biblioteca”, afirmou M. Onfray (1019: 27), associando, deste modo, a fecunda e imemorial relação entre a leitura e a viagem. No já referido livro *A Filha do Juramento*, Ondina Braga associa Camilo às suas viagens de Braga para o Porto, ora de camioneta, ora de comboio, numa repetida e afectiva recordação dos tempos da juventude, que perdura toda a sua vida:

No meu livro *Estátua de Sal*, uma autobiografia romanceada que escrevi em Macau em 1963, ao recordar Braga e as viagens que fazia semanalmente de Braga ao Porto para as aulas no Instituto Britânico, aí a minha referência à passagem de camioneta por Vila Nova de Famalicão: "casas boas, paredes de ladrilho, varandas fechadas, portões de ferro". Ficava-se a cismar no que seria uma vida inteira ali, nessas vilzinhas de presépio, entre a igreja e o café, a mercearia e o barbeiro. Ressuscitavam os romances de Camilo: amores infelizes, casamentos de conveniência, paixões assolapadas, e traições, bruxas, tiros. Era então o início da década de cinquenta, e eu, que lia Camilo desde os doze anos, natural e ao mesmo tempo clandestino o meu sentimento por esses sítios, esses cenários onde afinal se haviam desenrolado não apenas os seus romances mas também a sua própria e penosa existência (Braga 1995: 45).

Em todo o caso, como a temática da viagem nas duas autoras se apresenta como tema vasto, centremos a nossa atenção sobre textos relativamente curtos destas escritoras, unidos pelo singular motivo da viagem de comboio. Não falamos aqui das longas viagens transcontinentais (entre a Europa e a Ásia), de tonalidade aventureira e romântica, tal como relatadas por Paul Theroux (2019), em *O Grande Bazar Ferroviário*. Sem essas épicas dimensões, as viagens empreendidas e relatadas por Agustina e Ondina não deixam de estar repletas de interesse.

⁵ Neste contexto, mostra-se bastante curiosa a crónica de Lídia Jorge (2020: 57-63), do livro *Em Todos os Sentidos* e intitulada “Agustina como ninguém”, em que nos evoca um misterioso e divertido episódio protagonizado pela escritora numa viagem de comboio na Alemanha.

No caso de Maria Ondina Braga, entre múltiplas viagens narradas, tomemos algumas breves e memoráveis viagens de comboio. Uma delas surge em *Estátua de Sal* (1ª ed., 1969), com a voz narrativa, de índole autobiográfica, a evocar a frequente viagem que fazia entre Braga e a estação de comboio de São Bento, no Porto, salientando-se a preferência pelo caminho de ferro⁶:

Quando íamos de comboio, em Gavião entrava o ceguinho. Vinha com ele o fado desafinado até à próxima paragem. Eu gostava mais do comboio. Dava a impressão de uma viagem mais importante. Não cheirava a óleos nem a gasolina. E, já ao chegar ao túnel, o gosto mineral do carvão na garganta, a sombra que invadia as carruagens, o silêncio que se levantava, tinham o seu quê de romântico. Correndo a nosso lado, qual sonho de febre, os muros caiados das quintas e dos quintais, tufo de trepadeira, roupa a secar, medas crestadas do tempo e aureoladas de pardais (Braga 2022: 137).

Neste sentido relato impressivo e autoficcional, destaca-se sobretudo a descrição sensorial proporcionada pela viagem de comboio, com destaque para as sensações olfactivas e o dinamismo das imagens visuais; bem como a aura romântica que envolve a própria viagem de comboio. O colorido realismo da paisagem e das pessoas avistadas da janela de comboio, qual ecrã em movimento, tem um recorte de sequência animada ou de *travelling* cinematográfico – a tudo se assistia na reiterada viagem de comboio, tal como evocado pelos caprichos da memória deste relato auto-ficcional:

Nas vilas, as feiras. As barracas de carne de porco na Trofa. As vezes, um circo. O verão sempre desfazia a terra que ficava branca, exausta, fêmea de parto. Os adros das igrejas, áridos de sol ou velhos e musguentos da invernia. Era agora a camioneta. O chauffeur descobria-se. Um mendigo formal, de bordão e sacola, vinha estender a mão aos passageiros. Casas boas, paredes de ladrilho, varandas fechadas, portões de ferro. Ficava-se a cismar no que seria uma vida inteira ali, nessas vilazinhas de presépio, entre a igreja e o café, a mercearia e o barbeiro (Braga 2022: 137).

⁶ Referindo-se, enumerada e expressamente, às várias modalidades de viagem (de carro, de camioneta, de barco, etc.), a voz narrativa de *Estátua de Sal* não hesita em justificar a sua simpatia pelas viagens de comboio: “E por fim as de comboio, que essas, permitindo maior comunicação com a Natureza, são as que despertam simpatias fraternais” (Braga 2022: 155).

O ponto de chegada era a popular estação de São Bento, no Porto, merecendo à voz narradora esta nota de auto-retrato melancólico: “São Bento. Aquele requinte de azulejos, capricho irónico, na pesada, suja estação. Nunca ninguém a esperar-me” (Braga 2022: 138). Contudo, num olhar cosmopolita, a estação de comboio portuense suscita-lhe ainda uma reflexão sobre as impressões causadas por outras estações frequentadas, como espaços animados e de cruzamento anónimo, enquanto não-lugares de pessoas em movimento (identidades em trânsito), bem típicos da nossa sobremodernidade (Augé 2016: 67 ss.):

A angústia das estações do caminho de ferro conheço-a toda. Em Portugal e no estrangeiro. O silvo dos comboios, o brado dos carregadores, a pressa dos passageiros eficientes e seguros do seu destino. Tudo certo. E eu só, desgarrada, sem saber muito bem o que fazer. Eu desejando apenas embarcar outra vez. Dolorosas as chegadas de comboio, de barco, de avião. A vastidão do aeroporto de Londres. Carachi. A babel do porto de Hong Kong. Dolorosos momentos, sim, mas tão densos de variedade e mistério que, ao experimentá-los, nada mais importa (Braga 2022: 138).

Uma segunda viagem de comboio surge também em *Estátua de Sal*, quando a narradora nos conta o encontro casual com uma jovem mulher que também ia no comboio de Portugal para França (Paris): “Encontrámo-nos na Pampilhosa, onde eu, vinda do Norte, tomara o comboio e onde o acaso me levava à carruagem em que ela seguia” (Braga 2022: 156). A longa viagem vence o silêncio inicial e as duas mulheres iniciam a sua conversa na travessia da quente planície espanhola, fornecendo-nos então o primeiro retrato da sua interlocutora:

Chamava-se Ângela, ensinava inglês num jardim-escola em Lisboa, e ia a Inglaterra por um mês para praticar a língua. Pequena, magra, sobranceiras depiladas a envelhecer-lhe o rosto sem beleza, tinha talvez trinta anos e poucos, embora aparentasse mais, e o seu à-vontade era o de quem esforçadamente se habituara a conhecer a vida (Braga 2022: 156).

À medida que a viagem de comboio avança, com uma refeição partilhada, também se aprofunda a confiança da conversa entre as duas mulheres, com a jovem migrante, de origem provinciana, a confessar as suas dificuldades económicas e as desventuras da sua existência e da sua família: “Mais tarde, no expresso de Paris, desatou a falar-me dela, inesperada e voluntariamente, num desabafo” (Braga 2022: 156).

À medida que conversa com a narradora, nessa atitude de crescente confidencialidade, a sofrida Ângela ganha confiança, gerando-se uma empatia entre as duas mulheres, como sentido no acto de despedida:

E no silêncio que entre nós se levantou, vi que, mau grado o temperamento, a tradição, os princípios que nos separavam, eu, descrente do amor, tinha algo de comum com a amorosa Ângela. Não sabia explicar, mas era como um laço de parentesco, e comovia-me, na carruagem estrangeira de veludo prateado, à luz recolhida das lâmpadas, com os nossos rostos repetidos no negrume da vidraça (Braga 2022: 158).

Como prova da confiança da sua interlocutora após essa conversa⁷, quando o comboio entrava em Austerlitz, Ângela deixa à despedida um conselho provocatório à personagem-narradora, que teve a empatia de ouvir a sua história de vida, embora lhe tenha parecido inicialmente uma pessoa reservada: “— Vou dar-te um conselho: em Paris, solta a trança! Ficas mais bonita. Os homens hão de perseguir-te nos boulevards...” (Braga 2022: 158).

Uma outra terceira viagem de comboio é-nos relatada na auto-ficção *Passagem do Cabo*, livro originalmente editado com o título de *Eu Vim para Ver a Terra* (1ª ed., 1965). É uma viagem de N’Dalantando a Malange, em pleno coração de Angola, cabendo à voz narrativa a descrição breve e impressiva dessa viagem: ora nos descreve a ambiência da carruagem e dos seus ocupantes, naquela “ronceirice do trem”, permitindo contemplar a paisagem exterior; ora sobretudo relata a memorável cena da leitura camiliana de *A Brasileira de Prazins* durante essa viagem, desencadeando um riso compulsivo da leitora-narradora a dado passo da leitura: “(...) aqui, eu, sem mais nem menos desatando a rir. Ria e não podia parar de rir. Um riso solto e ruidoso, uma vergonha. Que diriam os meus companheiros de carruagem, gente sem dúvida distinta? Poucos os passageiros, em primeira” (Braga 2022: 190). O inesperado da cena é que o riso da leitora acaba por alastrar aos passageiros da carruagem numa cena jovial e memorável:

E eu condenada a esse absurdo ataque de riso que não conseguia dominar. Como um castigo. Como uma doença. Uma tosse,

⁷ O viajadíssimo Paul Theroux (2021: 48) observa, em *A Arte de Viajar*, que o comboio é o meio de transporte mais propício à conversa e à confidência: “A conversa, à semelhança de muitas outras que eu tinha tido com pessoas nos comboios, beneficiava de uma candura fácil proveniente da viagem partilhada, do conforto do vagão-restaurante e de sabermos ao certo que nenhum de nós voltaria a ver o outro”.

suponhamos, uma crise de soluços. (...) E nisto, surpresa das surpresas, os meus parceiros a acompanhar-me no riso. (...) O eco das risas a apressar porventura o passado do comboio, a desentorpecer, quem sabe, a desértica planura. Riam os alemães de cabelos de neve, o senhor de negócios e charuto ao canto da boca. Eu, contudo, sem coragem de os encarar. A esconder o rosto no lenço de assoar, eu. A chorar de riso. Quando, por fim, já composta, saí para o corredor donde se via melhor o pôr do sol, na minha frente o moço francês, belga se não me engano, vermelho de rir (Braga 2022: 190-191).

A viagem de comboio, de Braga para o Porto, tal como relatada por Maria Ondina Braga, conduz-nos a uma inesperada e singular narrativa de Agustina Bessa-Luís (2018), intitulada *As Estações da Vida*, com 1ª edição em 2002. Definitivamente, não estamos perante um relato ficcional nem auto-ficcional, como na escrita ondiniiana. Em todo o caso, como *leitmotiv* temático ou tópico central, temos as estações de caminho de ferro com seus painéis de azulejos (por vezes alusivos aos “trabalhos da região”, como as vindimas do Douro, ou então a factos da História); e sobretudo as viagens de comboio, pretexto para descrições e divagações sobre esses espaços e também (ou sobretudo) sobre as pessoas que nelas transitam diariamente, como observado prefacialmente por António Barreto:

Este livro é sobre os azulejos que decoram um grande número de estações de caminho-de-ferro. Ou antes, sobre as estações de caminho-de-ferro. Melhor ainda, sobre as caminho-de-ferro da vida de Agustina. Mas o que finalmente temos é uma longa, lenta, amorosa e perspicaz divagação sobre as vidas que se cruzam com ela nas estações de caminho-de-ferro e nos comboios, designadamente na linha do Douro, a que vai ou, antes ia de São Bento e de Campanhã, no Porto, até Barca d’Alva, antes de entrar por Espanha adentro (Bessa-Luís 2018: 7).

Ficamos a saber que Agustina conheceu bem este trajecto de comboio da linha do Douro, pelo que terá guardado viva memória do muito do que presenciou nessas frequentes viagens – espaços das estações, paisagens e pessoas. Afinal de contas, estes relatos de viagens alimentam-se de memórias. Mais do que a estética ou arquitectura das estações ou as paisagens dourienenses avistadas do comboio, a Agustina interessam especialmente as pessoas do ponto de vista antropológico e sociológico, a diversa fauna humana que se cruza nestas estações ou nas carruagens dos comboios populares e democráticos, por entre vales e montanhas do amado rio Douro. Nessa perspectiva, graças à finura

da sua observação e ao recorte pormenorizado, tantas vezes com laivos de frequente ironia e afirmações categóricas, visualizamos inúmeras minúcias inesperadas, presenciando pessoas reais ou tipos humanos de recorte bem realista. Enfim, o mundo de Agustina revela-se nos pormenores⁸ e nas “memórias de viagens de pequeno curso”, como neste quadro de abertura:

A viagem de comboio tinha um cunho espirituoso. Sempre se encontravam pessoas raras, porque a província preservava o indivíduo e conservava o seu dialecto e os seus costumes. Eram recoveiras, caixeiros-viajantes, gente do negócio e do contrabando, estudantes em férias ou que as tinham terminado, padres e professores; e um sem-número de passageiros precavidos com um farnel de pombos estufados em vinho do Porto e cavacas de Resende. Comida de gente regalada e antiga como havia na província profunda (Bessa-Luís 2018: 17).

Para a escritora, o comboio da linha do Douro estava enraizado nesta paisagem e na própria percepção do tempo por parte dos seus habitantes: “O comboio esteve sempre na minha gente do Douro como um destino, um modo de vida e um pretexto de aventura” (Bessa-Luís 2018: 19). O comboio marcou profundamente a época e a paisagem, levando a escritora a falar mesmo do tempo do comboio e do que ele representou para as pessoas. Ao descrever-nos quem viajava nos comboios da linha do Douro, como viajavam, como se vestiam ou falavam, como se relacionavam e como comiam, na percepção das diferenças de classes e respectivos códigos de conduta, Agustina Bessa-Luís constrói um vivo quadro antropológico, mas também sócio-cultural – o comboio é um autêntico cronótopo⁹, ancorado num tempo

⁸ O referido Paul Theroux (2021: 45) de *A Arte de Viajar*, ao enfatizar os prazeres da viagem de comboio, frutos de múltiplas viagens ferroviárias à volta do mundo, observa categoricamente: “Nenhum meio de transporte inspira uma observação mais pormenorizada do que o comboio ferroviário. Não há literatura aérea, nem grande coisa sobre as jornadas de autocarro, e os navios de cruzeiro inspiram observação social mas pouco mais. (...) O viajante ferroviário é frequentemente sociável, conversador, até liberto.”

⁹ Neste cronótopo, mau grado a contextualização espaço-temporal, o comboio adquire uma aura profética e de cunho romântico, porque entroncava em certo imaginário colectivo que remonta à cultura e sociedade de Oitocentos, como salientado introdutoriamente pela autora de *As Estações da Vida*: “O comboio sempre me pareceu ter qualquer coisa de profético. Abria-se a portinhola duma carruagem e imediatamente se abria na imaginação um processo romanesco. Tratávamos de divisar os passageiros e explorar a réstia de conforto que podíamos partilhar. Era o prelúdio duma viagem que podia ser o primeiro capítulo duma história” (Bessa-Luís 2018: 18).

e espaço determinados, um espelho desse mundo e da ímpar realidade desta paisagem e da sociedade que lhe corresponde, uma poderosa alegoria das estações da própria vida:

As carruagens de primeira classe (...) tinham um tom elegante e ligeiramente dramático. (...) Ninguém levava farnel nas carruagens de primeira classe. (...) / Nas carruagens de segunda classe era tudo mais falado. Faziam-se amizades, trocavam-se merendas, conselhos, as mães diziam coisas dos filhos e como os criavam. (...) A alma sensata viajava em segunda classe, era opiniosa e moderada (...). / Enquanto na terceira classe era a festa, diziam-se larachas, derramava-se vinho, ouvia-se o piar dos frangos nas cestas de vime vermelho” (Bessa-Luís 2018: 21-22).

Estas estações e comboios da linha do Douro estavam carregados de uma memória e imaginário peculiares, nomeadamente num tipo de comboio particular: “A excitação da viagem só era visível no comboio antigo, aquele cujo apitar rompia a clara luz da manhã” (Bessa-Luís 2018: 21). Nestas carruagens viajavam os mais diversos tipos de pessoas que habitavam essa paisagem dourienense:

la-se ao Porto no comboio; toda a gente, ricos e pobres viajavam assim, as recoveiras, os lavradores, as criadas que iam servir na cidade, as meninas que iam a banhos à Foz ou estudar, ou simplesmente visitar os parentes e procurar um noivo. O filho da Rosa cega, ele cego também, entrava numa estação e saía na outra para pedir. Parecia um assalto, tinha os olhos brancos de névoas, mas o sorriso punha-o a salvo de imprecações e maus juízos (Bessa-Luís 2018: 21).

Nesta visão panorâmica da vida social, tal como vivida nas estações¹⁰ e nas carruagens de comboio, a escritora também se detém

¹⁰ Naturalmente, a autora de *As Estações da Vida* valoriza os espaços físicos e arquitectónicos das gares ou estações de comboios, na singularidade dos seus edifícios e decorações artísticas, mas também como espaços de confluência democrática de várias classes sociais, com interesse histórico e sociológico: “Falemos de comboios: as gares são pontos de apoio para a História. Acontecem coisas nas gares que não acontecem na avenida e na rua aberta. Mas as gares foram depois o que substituiu o beco e a encruzilhada. Mataram Sidónio na gare e, se houvesse uma gare em Roma, César morreria ao tomar o trem para as termas, em vez de ir cair no Senado, comprometendo todos os senadores (Bessa-Luís 2018: 40). Enfim, além de espaços propícios a conversas e confidências, a encontros e desencontros, as gares ou estações de comboio estão envoltas numa aura de lenda – e como salienta Agustina: “Os melhores sítios do mundo são os da lenda” (Bessa-Luís 2018: 44).

na caracterização cenográfica dos espaços por onde circulam, com destaque para a estação portuense de São Bento, pela inegável beleza estética dos seus painéis de azulejos, especialmente ligados ao passado histórico do Norte de Portugal e à vida social e rural da região do Douro, com várias cenas campestres, numa abarcante, impressiva e notável descrição:

A Gare de São Bento causa uma impressão grandiosa como nenhuma outra em Portugal. O movimento da multidão, os que se apressam e os que correm, os rostos ansiosos e outros tocados de mil expressões, de cautela, de expectativa e de susto, mostram uma variedade infinita de paixões que às vezes não atingem sequer a mudança de expressão. Há quem tenha ar de fugitivo. De abandonado, de predador, de pacato transeunte entre duas vias. Os azulejos são magníficos, assinados por Jorge Colaço, dum azul de Delft verdadeiramente luminoso e profundo. É ainda o tema do rio Douro, o barco que espera ser carregado de pipas, o barco ainda na margem, estando de pé a barqueira com a mão em pala sobre os olhos e já sentadas as passageiras, as feirantes, com arrecadas de ouro e o companheiro de todos os climas, o guarda-chuva de algodão preto. São quadros duma genial composição que referem os trabalhos populares, os moleiros, as mulheres que vão buscar água ao chafariz, os namoros, o descanso na vida que tem os seus lazeres entre dois passos na história do trabalho. (...) Os azulejos cotam toda uma poesia que não é épica, é o viver de todos os dias, é um sermão sem sotaina, é um contrato social sem filosofia (Bessa-Luís 2018: 23-24).

Além de tipos humanos, a narrativa de Agustina também particulariza figuras concretas, em jeito de exemplum, a traço rápido e sem se deter, mais desenhadas por uma observação realista do que por um imaginário ficcional. São figuras arrancadas ao torrão douricense, que viajam entre uma estação rural e a cidade do Porto, predominando o colectivo sobre o individual, a errático desvio reflexivo sobre a concentração narrativa, a atenção detalhada ao cenário sobre a análise psicológica – enfim, a “dinâmica do ser humano em geral” (Bessa-Luís 2018: 32). Mais uma vez, tal como em Ondina Braga, constata-se uma atenção privilegiada às mulheres viajantes, e aqui, a uma certa casta de mulheres, dentro do encantamento geral do comboio: “É extraordinário como as mulheres tristes viajam de comboio de preferência. O comboio tem ainda um fascínio tranquilo, presta-se a parecer que a vida tem um prefácio antes de ter um capítulo que a explique ou, pelo menos, sugira” (Bessa-Luís 2018: 27).

Genericamente, sobretudo em determinada época, o comboio proporcionava “uma excitação sensorial que o mundo familiar ou vizinho não pode oferecer” (Bessa-Luís 2018: 33). As pessoas precisavam de viajar, de mudar de espaço, numa necessidade de transumância. Para Agustina, enquanto acto quase compulsivo, viajar obedece a um desejo distração e de fuga, até de esquecimento, dando mesmo a ilusão de um rejuvenescimento. Além disso, no imaginário colectivo e na tradição mítico-literária¹¹, o comboio está associado também a uma memória, ora aventureira, ora dramática, como no famoso romance de Tolstoi:

E notável como o comboio foi agente de melodrama, ou seja, meio para liquidar um crescendo de excitação. O exemplo mais notável é o de Anna Karénina. O seu suicídio, quase automático, ao lançar-se diante do comboio que avança na linha, é ainda um modo de ligação com o amante (Bessa-Luís 2018: 33).

3. Viagem e demanda utópica

A única maneira de se aproximar duma certa forma de plenitude era viajar (Bessa-Luís 2018: 28).

No final deste breve percurso crítico, cremos ter mostrado, muito brevemente, algumas afinidades significativas entre as duas escritoras – Agustina Bessa-Luís e Maria Ondina Braga –, ambas com raízes nortenhas e de quem celebramos o Centenário do nascimento. Reconhecendo a singularidade dos seus percursos de vida diferenciados e também das suas poéticas literárias, ambas as autoras iniciaram quase o mesmo tempo a sua vida literária; nas suas diversas genealogias literárias destaca-se um autor canónico, também ele ancorado no Norte de Portugal, Camilo Castelo Branco; a par da narrativa (do romance à narrativa breve), ambas cultivaram

¹¹ Com os irmãos Louis e Auguste Lumière, o próprio cinema nasceu com curtíssimas metragens sobre motivos como a chegada de um comboio – *L'Arrivée d'un train en gare de La Ciotat* (1895). Ora, Agustina tem igualmente consciência da relevância do comboio na posterior história da Sétima Arte, nomeadamente quando afirma: “As primeiras décadas do cinema foram pródigas em cenas em que o comboio tinha um papel primordial. O comboio marcava no Oeste americano um passo de grande alcance na civilização. Todos nós lembramos o que se chamava «as coboíadas», nome feliz dado à história épica dos vaqueiros. E dos fora-da-lei, não raro assaltantes de comboios que transportavam o ouro, das minas e o pré dos soldados. Ou, então, os ataques dos muitos que tomavam o comboio como um animal de ferro, símbolo da invasão dos seus territórios. Havia qualquer coisa de épico nessas lutas; o silvo do comboio e os gritos dos Sioux cruzavam-se na campina a perder de vista” (Bessa-Luís 2018: 34-35).

assiduamente o género da crónica, como forma de olhar o mundo quotidiano; além de trocarem entre si uma curta, mas expressiva correspondência, ainda inédita.

Não conhecendo nós as opiniões de Maria Ondina Braga sobre a obra literária de Agustina Bessa-Luís (que certamente admirava), fiquemo-nos pelo singular, empático e elogioso juízo crítico da escritora portuense sobre Ondina. Em carta onde se pronuncia sobre leituras que acabara de fazer de contos de Ondina (possivelmente do recente livro de *A China Fica ao Lado*, de 1966), a amiga Agustina não poupa no original elogio: “Eu li o conto, que não conhecia, e os outros também. A minha impressão mantém-se; é uma escritora e não uma informadora de achques da sensibilidade, como outros e outras são. Só desejaria que pudesse escrever mais” (Carta de 7 de Nov. de 1968). Em suma, esta é mais uma forma de confirmação das afinidades que aproximavam as duas escritoras.

Depois desse enquadramento inicial, o ponto central da análise crítica focou-se na presença do tema da viagem de comboio em ambas as autoras, a partir de textos breves e exemplares da sua escrita, num *corpus* obrigatoriamente reduzido, mas bastante expressivo. As duas escritoras deixam-se seduzir pelo fascínio mítico da viagem, em particular da viagem de comboio, como forma de conhecimento e de evasão, de descoberta do Outro e de si próprias, até como modo possível de felicidade: “A única maneira de se aproximar duma forma de plenitude era viajar. De resto, as viagens, e tornaram tão apetecíveis e que gozam de tanta popularidade, não são mais do que sonos em movimento” (Bessa-Luís 2018: 28). Também para Ondina, viajar é sinónimo de aventura e de auto-exílio, de conhecimento da alteridade e do seu mistério, uma forma ímpar de cartografar o mundo e o próprio ser humano. Para ambas, enquanto experiência antropológica riquíssima, a viagem (sobretudo através de comboio) exprime um desejo de deslocação, sem deixar de ser uma alegoria da própria existência, perspectivada como viagem ou peregrinação, com ou sem conotações religiosas ou barrocas (*homo viator*).

Além do referido, a viagem comporta uma dimensão de utopia, no quadro contemporâneo do que tem sido chamado de *mobilities turn*. Entre outros, Bill Ashcroft (2014) exprime essa tendência contemporânea para o nomadismo enquanto desejo de constante desprendimento da fixação a um lugar. Alguns pensadores realçam mesmo a condição do exilado do sujeito nómada ou do migrante, aberto ao estranho e ao desconhecido no cruzamento de fronteiras,

questionando a própria identidade, como imagem axial da contemporaneidade (Nouss 2015). Nesta atitude e mundividência correspondente, o conhecimento e a identidade, sem perderem certa memória individual e cultural, são indissociáveis da demanda:

Almost all journeys are begun in hope. While they may not begin with the expectation of arriving at utopia, the impetus of travel is essentially utopian because it is driven by hopeful expectation in one form or another. It might be hope to discover the entirely new, to find the exotic, to find some example of the ideal, or, in tourism for instance, it may be driven by the hope to discover what we already know through reading. No matter what the nature of the journey or the destination, travel is propelled by desire, the desire for discovery, for the place or the experience that can throw one's present situation into relief (Ashcroft 2014: 249).

Nesta aproximação ao motivo da viagem de comboio em Agustina e Ondina, sobressaem algumas aproximações e outras tantas diferenças significativas, que derivam desde logo da diferente tipologia textual: em Ondina, deparamo-nos com uma pulsão mais assumidamente auto-ficcional, com valorização das personagens, sua complexidade e mistério interior, sem esquecer as ambiências, mas com mais cuidado na captação ou mergulho no mundo psicológico individual (paisagem humana), num estilo de tendencial prosa poética; já em Agustina, encontramos a manifesta descrição do cenário envolvente, numa pintura infundável de pormenores (com profusão de dados sociológicos, culturais, artísticos, etc.) e atenção à dinâmica social e psicologia colectiva, num estilo bem mais errático, que tudo pretende abarcar no majestoso mosaico colorido de uma paisagem cultural, em afirmações de frequente teor aforismático.

Em suma, a Ondina importa especialmente a captação psicológica das figuras que viajam, sem menosprezar a atmosfera envolvente; a Agustina, a captação do essencial e anímico espírito da paisagem¹², em toda a sua riqueza de camadas plurais e estruturantes (da paisagem humana à paisagem artístico-cultural) de uma fisionomia colectiva. Por tudo o que se deixa sugerido, para além da mitificada aura que a envolve, com as diversas estações do percurso, os

¹² Como anota a autora de *Breviário do Brasil* (Bessa-Luís 2012: 21), nas suas diversas viagens e andanças pela riquíssima e diversa paisagem brasileira, não com o olhar apressado das excursões orientadas do turista, mas antes com a capacidade crítica do viajante demorado, para ver por dentro, atenta e inteligentemente, os espaços por onde deambula, num verdadeiro encontro com o lugar (Martins 2014).

companheiros de viagem, a sucessão de paisagens ou a interligação entre linhas, a viagem de comboio é uma manifesta e poderosa alegoria da própria vida humana.

Filha Boa Luíza

Aproximo este dia de tarde para elle escrever depois de cumprir com a Fiança. Sou muito arreumada com a minha correspondencia e fa me passar mais elle escrever sobre o seu diário e apadear. Tu di o conto, que não conhecia, e os outros também. A minha impressão acatou-se; e a minha escritora e até uma informadora de a chapas da semelhança como outros e outros até. Se denfaria que pudesse escrever mais. Não sei o que o Dr. Palheiras fará por si. Mas creio que elle dará colaboração, ainda que não prometa continuidade.

Se tiverem em na mesma cidade ou pedis dia para me acompanhar e para corrigir e fazer os seus diários, mantendo sempre a sua casa e liberdade de movimento. Com o tempo, com a separação de minha filha que terá que seguir um dia o destino dela, reter-me ei muito ai. Mas não posso prever o que o tempo me trará. É possível que acabe por ir viver para Lisboa. Mas pretendo escolher, espero alguma o que me for propicio.

Vou ao sábado a Lisboa mas repeno no avião da noite. E minha filha fica, não sem alguma preocupação minha.

Cumprimentos. E creia na minha sincera estimo

Sua amiga

Justina Rema - Luis

Sorte, 8 de flo. de 1968

Bibliografia

- Ahscroft, Bill (2014): “Travel and Utopia”, Julia Kuehn e Paul Smethurst (Org.), *New Directions in Travel Writing Studies*, Basingstoke, Palgrave MacMillan, pp. 249-262.
- Augé, Marc (2016): *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*, 2ª ed., Lisboa, Letra Livre (trad. de Miguel Serras Pereira).
- Baldaque, Mónica (2020): *Sapatos de Corda – Agustina*, Lisboa, Relógio d’Água.
- Bessa-Luís, Agustina (1968): [*Correspondência com Maria Ondina Braga*], Espaço de Maria Ondina Braga (Espólio), Museu Nogueira da Silva / Universidade do Minho, Braga.
- Bessa-Luís, Agustina (1994): *Camilo, Génio e Figura*, Lisboa, Editorial Notícias.
- Bessa-Luís, Agustina (2008): *Dicionário Imperfeito*, Lisboa, Guimarães Editores (selecção e organização de Manuel Vieira da Cruz e Luís Abel Ferreira).
- Bessa-Luís, Agustina (2012): *Breviário do Brasil e outros textos*, Lisboa, Guimarães Editores (selecção e organização de Manuel Vieira da Cruz e Luís Abel Ferreira).
- Bessa-Luís, Agustina (2015): *Crónica da Manhã: um apontamento de todos os dias*, Lisboa, Guimarães Editores (org. e fixação do texto de Alberto Luís e Lourença Baldaque).
- Bessa-Luís, Agustina (2018): *As Estações da Vida*, 2ª ed., Lisboa, Relógio d’Água [1ª ed., 2002] (pref. de António Barreto).
- Braga, Maria Ondina (1995): *A Filha do Juramento*, Braga, Edição dos Autores de Braga.
- Braga, Maria Ondina (2022): *Autobiografias Ficcionalis: Estátua de Sal, Passagem do Cabo, Vidas Vencidas*, vol. 1 das Obras Completas, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda (edição e pref. de José Cândido de Oliveira Martins).
- Jorge, Lídia (2020): *Em Todos os Sentidos (Crónicas)*, Lisboa, D. Quixote.
- Letria, José Jorge (1981): “Ser escritor em Portugal é quase um acto de carolice” [Entrevista a Maria Ondina Braga], jornal *O Diário*, de 11 de Janeiro.

- Onfray, Michel (2019): *Teoria da Viagem: uma poética da geografia*, Lisboa, Quetzal (trad. de Sandra Silva).
- Martins, José Cândido de Oliveira (2014): “Escrever a paisagem: o Brasil no horizonte afectivo de Agustina Bessa-Luís”, *Brasil / Brazil (A Journal of Brazilian Literature)*, Brown University, Providence (USA), 49, pp. 26-49.
- Martins, José Cândido de Oliveira (2015): “Agustina Bessa-Luís, Fanny Owen et la revisitation ironico-parodique de l’imaginaire romantique de Camilo Castelo Branco”, Catherine Dumas et Agnès Levécot (dor.), *Audaces et Défigurations: lectures de la romancière portugaise Agustina Bessa-Luís*, Paris, Presses Sorbonne Nouvelle, pp. 53-68.
- Martins, José Cândido de Oliveira (2019): “Para uma poética da viagem: *Passagem do Cabo*, de Maria Ondina Braga”, Mateus & Martins (Org.) (2019), pp. 49-68.
- Mateus, Isabel Cristina & Martins, Cândido Oliveira (org.) (2019): *Maria Ondina Braga: viagens e culturas em diálogo*, Braga, Museu Nogueira da Silva /Univ. do Minho.
- Nouss, Alexis (2015): *La Condition de l’Éxilé*, Paris, Éditions de la Maison des Sciences de l’Homme.
- Theroux, Paul (2019): *O Grande Bazar Ferroviário*, Lisboa, Quetzal (trad. de José António Freitas e Silva).
- Theroux, Paul (2021): *A Arte da Viagem*, Lisboa, Quetzal (trad. de José António Freitas e Silva).

